**PATRIMÔNIO, MUSEU E ESCOLA: CONHECER PARA PRESEVAR**

Maiara Thais de Sousa Cardoso (UEMASUL) – [maiara\_sousacardoso@hotmail.com](mailto:maiara_sousacardoso@hotmail.com)¹

Ana Caroline de Lima Silva (UFMA) – anacaroline\_ls@outlook.com²

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**Resumo**

O presente artigo busca, por meio de pesquisa analítica-bibliográfica, identificar e compreender a noção de cultura patrimonial e preservação do patrimônio, bem como apresentar os museus e sua importância para a manutenção das tradições de uma sociedade, relacionando o costume de colecionar artefatos com educação e a significância do sentimento de pertencimento cultural para o desenvolvimento da comunidade em geral. Atrelando cultura e povo, busca-se não apenas destrinchar os termos, mas também analisar como o passado de uma determinada comunidade pode facilitar o entendimento do presente e desenhar caminhos para o futuro. A ideia de patrimônio, perpassa pela concepção de preservação, pois para que algo possa ser considerado um bem material, é necessário que se tenha um alicerce cultural que possa o identificar como representante da malha histórica de determinado povo ou localidade. Só se defende aquilo que se conhece, por isso, considera-se de extrema relevância ter entendimento sobre cultura patrimonial e a escola é uma das instituições sociais mais importantes nesse processo, pois é formadora de opiniões e propagadora de conhecimento, servindo como viés de promoção e difusão dos bens culturais e materiais de cada região. Se trata de um tema ainda bastante tímido no âmbito escolar, mas faz-se importante discutir e propor atividades em sala de aula e extraclasse, extracurriculares e artísticas, para proporcionar aos estudantes vivências significativas com o tão falado patrimônio cultural e material.

**Palavras chaves:** Cultura. Patrimônio. Museu.

**Abstract**

The present article seeks to identify and understand heritage culture and preserve heritage, as well as to present museums and their importance for the maintenance of the traditions of a society, relating to the costumes of collecting artifacts and the significance of the sense of cultural belonging to the development of the community at large. Assign culture and people, seek not only by destroying the terms, but also was analyzed how the past of a community can be free to understand and present ways to the future. An idea of ​​heritage, pervades the idea of ​​a project that can be considered a material good, must have a cultural foundation that can be recognized as a representative of the community. Only those who conform are defended, therefore, it is considered the extreme responsibility on the patrimonial culture and the school is one of the actions that most favor the process, since it is opinion-forming and propagating of knowledge, serving as promotion bias diffusion cultural goods and materials of each region. It is a theme that is still very shy in the school environment, but a great number of tasks and activities are done in the classroom and extra-curricular, extracurricular and artistic, to highlight life experiences with the so-called cultural and material heritage.

**Keywords:**Culture. Patrimony. Museum.

¹Acadêmica de licenciatura em História pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL,na cidade de Imperatriz - MA

²Acadêmica de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA,na cidade de Imperatriz - MA

**INTRODUÇÃO**

O patrimônio e a cultura material são dois expoentes da preservação da identidade histórica e social de um determinado povo. Além disso, os bens materiais proporcionam para a sociedade em geral, as riquezas e a criatividade, detalhes e beleza de monumentos, obras arquitetônicas, sítios arqueológicos, entre outros elementos da cultura material criados ou modificados pelo homem. Consoante a isso, a consciência social da noção de patrimônio material cultural é um aspecto importante a ser levado em consideração, pois uma vez que as instituições sociais são responsáveis pela difusão e promoção do conhecimento sobre a cultura local e regional, é dever social e, mesmo, constitucional, da conservação, democratização, interação e integração dos bens da cultura material brasileira.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo compreender o modo como a noção de cultura material, preservação do patrimônio e museus tem sido abordada nas escolas e como deve ser incentivada a aproximação do conceito de definição de cultura para os estudantes em face do despertamento para a memória da identidade social de seu povo e comunidade.

Quanto à metodologia, a presente pesquisa pode ser classificada como do tipo analítico-bibliográfica, pois seu processo de elaboração se deu através de revisão e análise bibliográfica. No que diz respeito ao seu plano temático, faz alusão inicial aos conceitos e definição de cultura, bem como retrata as semelhanças e diferenças entre a cultura e patrimônio material e imaterial. Logo após enfatiza a importância do museu, trazendo a análise do modo como o sistema cultural se insere e como a noção de patrimônio e preservação pode ser colocada em prática nas escolas.

**1. CULTURA E PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

Antes de iniciar os estudos sobre cultura e patrimônio material, vale ressaltar o conceito de cultura na sua origem etimológica como ponto inicial para a sua definição. Assim, de acordo com Soares e Huck (1999), o termo provém do latim cultura-ae, que possui diversos significados, mas tendo referência no ato de cultivar, cuidar, praticar e respeitar. Dessa forma, cultura pode ser classificada como sendo o ato de cultivo das representações sociais, dos costumes e dos valores que lhe são próprios, em seu sentido etimológico. Porém, de acordo com o historiador José D’Assunção Barros (2003: 145), a noção de cultura tem atravessado diversos eixos da historicidade moderna, sobretudo após a formulação da História Cultural. Dessa forma, conceituar cultura se torna um procedimento que pode levar a imprecisões e diversas possibilidades, pois a compreensão de tal termo remete a diversas definições construídas ao longo do desenvolvimento da sociedade.

Já o historiador Peter Burke (2008: 43) orienta que a representatividade cultural é feita de forma sistemática pelas diversas sociedades, através de símbolos, signos e expressões herdadas pelos diversos ciclos sociais, sendo, portanto, um aspecto da sociedade que se torna moldado de acordo com cada espaço temporal e histórico. Assim, o termo cultura costumava ser utilizado para se referir às artes e às ciências até o século XIX. A partir do século XX, o termo passa a ser utilizado para identificar as práticas sociais e suas representações, bem como a herança de costumes, tradições e valores de determinada sociedade.

Quando se analisa os fenômenos culturais, observa-se que existem diferentes tipologias e contextos no qual a cultura se insere. Entretanto, dois aspectos são relativamente importantes na compreensão do dinamismo cultural da sociedade, pois estão intimamente atreladas ao modo como a cultura se ‘institucionaliza’. Assim, devem ser apresentadas as perspectivas sobre cultura material e imaterial, bem como suas diferenças e semelhanças e como essas concepções influenciam na dissociação das ideias sobre cultura nas escolas.

Ao se iniciar os estudos sobre cultura material e imaterial, é interessante que se faça alusão que é imprescindível que para que ambos os aspectos culturais sejam compreendidos, faz-se necessário que se tenha a ideia sobre preservação da cultura. Tal preservação deve ser ponderada partindo ainda da ideia de patrimônio. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 216, declara que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Partindo dessa premissa, cabe salientar que a preservação do patrimônio cultural deve ser mantida de forma a propiciar a sociedade a manifestação material e imaterial da cultura através de documentos, obras artísticas, objetos, paisagens, entre outros bens importantes para a manutenção e preservação da cultura na memória popular.

Nesse ponto, o historiador Jacques Le Goff argumenta que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, ou seja, esclarece certas informações que são subjetivas em relação à pesquisa cultural (LE GOFF, 1990).

Sabendo disto, é evidente que as atribuições de cultura material e imaterial se tornam definidas de acordo com as perspectivas de patrimônio, porém com certas semelhanças e diferenças que contrastam com a formação do sistema cultural. Dessa forma, quando se atribui o termo material e imaterial, em primeira vista, percebe-se existir o senso comum de que são dois aspectos completamente diferentes, sendo de certa forma palpável e impalpável, respectivamente. Porém, se vistos diante de uma ótima menos conservadora, percebe-se que tanto a cultura material quanto a imaterial possuem similaridades que tornam suas diferenças menos perceptíveis.

Em primeiro lugar, deve-se tratar que ambos os modelos respaldam a ideia de patrimônio cultural, entretanto, de modo dependente da sociedade a qual se insere. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional, compreende-se por patrimônio imaterial as:

Criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social; e ainda toma-se tradição no seu sentido etimológico de ‘dizer através do tempo’, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas, que são constantemente transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o passado (IPHAN apud CORÁ, s.d).

Entende-se assim que as criações culturais de caráter imaterial possuem um dinamismo que caracteriza as práticas produtivas, rituais e simbólicas de um determinado povo de forma a manter sua identidade cultural e social mantendo sempre o vínculo do presente com o passado, ou seja, são representações e tradições manifestas por meios subjetivos e constantes. Por sua vez, as criações culturais de caráter material são definidas como sendo as representações culturais de um povo atribuídas a artefatos, considerados como patrimônios culturais materiais, porém com o mesmo simbolismo e carga de identidade social atribuída ao imaterial.

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é o responsável pela identificação, regulação e reconhecimento do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro, sendo exemplos de patrimônio imaterial no país, as celebrações, os rituais, os saberes populares, as manifestações literárias, musicais, artísticas, entre outras. Já quanto ao patrimônio material, são exemplos, as obras arquitetônicas, as igrejas, obras artesanais, entre outros.

O conhecimento social sobre cultura material e imaterial deve estar vinculada às diversas instituições sociais e à escola, como integrante do processo de ensino e aprendizagem do homem, deve proporcionar diferentes formas de promover a diversidade cultural através da amostragem de panoramas culturais diversos, fazendo com que seus alunos possam não somente ressignificar conceitos, mas também a valorizar a multiplicidade de crenças, valores e pluralidades culturais existentes na sociedade.

**1.1 OS MUSEUS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL**

O termo museu, deriva do grego *mouseion*, Templo das Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a memória. Chagas (1996) argumenta que os museus atuam nos diversos campos das artes e ciências, e estão presentes em três campos de conhecimento como a investigação, a preservação e a comunicação, mantendo viva a interdisciplina.

Historicamente, o museu tem a responsabilidade de promover o conhecimento e a convergência dos saberes científicos. Não bastando apenas o arquivamento dos itens, é necessária a contínua pesquisa, perpetuando assim o caráter histórico e educativo dos museus e não somente o fazendo local de lazer e turismo.

Inúmeros são os motivos que podemos listar para garantir a preservação dos museus. Preservar, recolher e recuperar nossa história e cultura, conhecer o passado e todas as suas peculiaridades e ter uma perspectiva para futuro. Segundo o Estatuto de Museus (Art. 2°), os princípios fundamentais destes estabelecimentos são os de promover a dignidade humana e a cidadania, cumprir sua função social, valorizar e preservar o patrimônio cultural e ambiental, universalizar o acesso, o respeito e a valorização da diversidade cultural, entre outros. (BRASIL, 2009).

O hábito de preservação e cuidado com heranças e bens, se iniciou nos primórdios, datando do século I da era Cristã os primeiros indícios deste interesse pelo colecionismo. Suetônio (69 – 140) renomado historiador romano, já relatava a importância das coleções, destacando a coleção numismática (moedas e medalhas) do Imperador Augusto (63 a.C – 14 d.C). Carlos Magno (747 – 814), imperador romano de grande influência e reconhecimento, estabeleceu leis com ordens de proteção para todo item que representasse a cultura romana, tornando-se assim, extremamente importante para a história e proteção do patrimônio romano, sendo frequentemente citado por sua relevância para a atual União Européia.

Com o decorrer da história, os números de coleções foram aumentando, tornando necessária a criação de formas eficazes e facilitadoras do arquivamento dos acervos existentes em nossa sociedade. Joseph Eckhel (1737 – 1798), austríaco considerado um dos fundadores da ciência numismata, foi quem elaborou os primeiros padrões científicos para a catalogação de moedas e medalhas.

Somente após a Revolução Francesa, a partir de 1792, é que instituiu-se os primeiros decretos e aparatos jurídicos para proteger o patrimônio histórico francês, tornando os bens de nobreza e realeza propriedade do Estado.

No Brasil, o príncipe regente D. João VI (1767 – 1826) cria, em 06 de junho de 1818, o Museu Nacional. Tombado pelo atual Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938 e incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1946, é considerada a instituição científica mais antiga do país e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Situado atualmente no Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, foi palco de marcos da história brasileira: primeira residência da família real portuguesa, local de assinatura da Declaração de Independência do Brasil em 1822 e sede da primeira Assembleia Constituinte.

Segundo Hobsbawn (1990), no ano de comemoração do centenário de Independência, viu-se necessária a criação de um museu que apresentasse a trajetória do Brasil. É criado assim o Museu Histórico Nacional (MHN) no, então Distrito Federal, Rio de Janeiro que serviria de modelo para os museus brasileiros do século XX.

Inicialmente os arquivos do MHN eram voltados para a história do Brasil e sediou, a partir de 1933, a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN), que foi o primeiro órgão de proteção do patrimônio histórico brasileiro. Em 1937, o IMN é transformado no que atualmente conhecemos como Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através da Lei n° 378 de 13 de janeiro de 1937, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas.

Os museus se colocam em nossa sociedade como uma “instituição de memória”, refletindo a partir da comunidade onde se insere e assumindo discursos da maioria, mas não excluindo as vozes da minoria por vezes marginalizada. São tidos como formas de apropriação das expressões nacionais ou locais de identidade e dando a ideia de se possuir história própria.

No dia 02 de setembro de 2018, ocorreu uma grande tragédia no Museu Nacional que trouxe ao país uma perda inestimável. Um incêndio de grandes proporções destruiu a maior parte do acervo do museu, que possuía cerca de 20 milhões de itens. Fósseis, múmias, arquivos essenciais para a história brasileira foram transformados em cinzas. “Tragédia mundial”, noticiaram os jornais italianos. Sem causas ainda concretas, muitas autoridades acreditam na falta de manutenção e cuidado, como sendo alguns dos fatores que causaram o incêndio. Segundo o coronel Roberto Bobadey, comandante-geral do Corpo de Bombeiros, o prédio do MN não possuía alvará para funcionar, reforçando ai, a ideia de falta de comprometimento da diretoria do museu e escassa fiscalização por parte do poder público.

Como instituições essenciais na conservação e produção de identidade e memória coletiva, os museus são fundamentais para a construção do sentimento de pertencimento da sociedade. De acordo com Halbwachs (1992) a memória coletiva está na base da construção da identidade e a comunidade a constrói a partir da relação que estabelece com o seu passado, vinculada aos objetos que o representam (o patrimônio).

Através dos seus mecanismos, os museus elaboram e influenciam as construções de representações sociais e, quando relacionadas à memória, estas instituições se transformam em “máquinas” capazes não só de selecionar e produzir informações, mas de criar visões de mundo.

Vemos então, que a relação entre o museu e a criação de identidade e memória coletiva é natural e os museus, por sua vez, se tornam instituições sociais complexas que ocupam um lugar fundamental na mediação entre cultura e sociedade.

**2 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NAS ESCOLAS**

Sendo a escola uma instituição em que os valores, costumes e tradições sociais se tornam vinculadas de forma pluralista e pragmática de acordo com as perspectivas de ensino a ela estruturadas, pode-se afirmar que esse ambiente passa a ser um espaço importante na formação da perspectiva cultural e na dissociação dos conceitos e definições de cultura para a sociedade. A pesquisadora Vera Candau (2012) afirma que na sociedade atual, é inevitável que não se fale ou dialogue sobre cultura nas mais diversas instituições sociais e a sala de aula também é um desses espaços, pois se promove uma cisão de diferentes grupos sociais, religiosos, políticos e étnicos, criando um local com caráter multicultural.

A perspectiva do multiculturalismo no espaço escolar se concentra na ideia de que existem uma diversidade cultural nas escolas que impulsionam um amplo dimensionamento das políticas culturais e da presença de práticas e costumes derivados dos mais distintos setores da sociedade no ambiente de ensino. A partir do momento em que uma escola passa a perceber essa carga multicultural, esta tende a agir de forma a ressignificar as identidades infiltradas no seu espaço, procurando sempre por fazer com que a educação não seja apenas um elemento incentivador da cultura, mas também um elo que pode relacionar as diferentes culturas no ambiente escolar, de forma com que todos sejam incluídos, independente da sua raça, credo, etnia ou outro fator social correspondente.

Entretanto, deve-se ter em mente que a escola não pode subscrever um exclusivismo cultural, tendo em vista que esta é, antes de tudo, um ambiente no qual se deve promover o ensino, de maneira didática, respeitando as diferenças e sem que haja desigualdades, em um processo que pode ser denominado de ‘justiça curricular’. A partir do momento em que a escola conduz diretrizes que possibilitam a participação comum de todos os alunos, o interesse dos menos favorecidos e a produção da igualdade cultural, esta passa a ser um importante norteador das políticas de valorização do sistema cultural, uma vez que possibilita que todos os seus transeuntes possam participar de forma comum das afirmações culturais existentes nas escolas.

Outro ponto que deve ser levado em consideração, tanto no ensino sobre cultura nas escolas, quanto ao posicionamento do professor e dos agentes da educação se mostra na dissociação da ideia de superioridade cultural. É evidente que em diversos ambientes, existe a ideia de que uma cultura é superior a outra e que este sempre é maior que aquele. O professor que, segundo Paulo Freire, é o responsável por fazer com que os alunos possam buscar pelo conhecimento ao invés de apenas adquirir, deve ser também o responsável pela sedimentação de ideias pré-concebidas, sem ferir os diferentes sistemas culturais, mas problematizando a questão da igualdade cultural e de como a discriminação e preconceito com certas culturas necessitam ser derrubados.

Tendo em vista que a cultura é manifesta através das representações sociais e suas perspectivas e noções de valores, costumes e tradições, um de seus principais instrumentos de promoção nas escolas é através das expressões artísticas. Através da arte, a escola possibilita ao aluno conhecer diferentes pontos de vista culturais e aumentar a dimensão de espaço interno e externo à sua realidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, orientam que a arte é uma forma da educação propiciar ao aluno a interação com os mais distintos pensamentos artísticos, fazendo com que este possa refletir e imaginar, além de cultivar a sensibilidade e percepção de fenômenos artísticos e culturais histórico-sociais tanto de seu passado como do presente (BRASIL, 1997).

Dentro desse quadro, nota-se que a arte e cultura estão intimamente relacionadas no plano das ideias. Giulio Argan (1998) afirma que existem diversos pontos que podem ser utilizados para relacionar as expressões artísticas e a cultura, principalmente o fato de que a arte traz consigo elementos históricos, percepções e perspectivas de uma realidade na qual o artista se insere e, na maioria das vezes, este mesmo artista recorre ao equilíbrio cultural para transpassar seus pensamentos e ideias de acordo com o modo como a sua sociedade dimensiona e idealiza os fenômenos sociais, econômicos e políticos que a rodeiam.

Marcelo Gruman (2012) reitera que a arte é um meio de representação da realidade, e por assim ser ela pode ser classificada como uma construção social. Já a cultura, por sua vez, é o caráter da sociedade, é a forma como os elementos sociais passam a utilizar de códigos particulares, de simbolismos e de representações que identificam determinado grupo social.

Dando ênfase ao seu caráter educacional, torna-se evidente que, durante anos, as escolas têm fortalecido um ensino pautado nas concepções de reprodução do sistema capitalista, fazendo com que os estudantes possam ser formados a partir de uma noção conservadora, deixando um pouco de lado a preocupação com as questões do mundo das ideias e dos aspectos artísticos e culturais.

Sabendo disso, nota-se que existe uma pré-concepção de que a escola deve ser um espaço no qual a valorização das culturas deve ser algo comum, independentemente da diversidade existente. Contudo, o que se observa é que existem espaços escolares nos quais ainda existem restrições e distanciamento do consciente cultural da sociedade, acabando por ignorar “uma realidade que subsiste alheia à vontade desses ou daqueles” (LEITE, 2014, p. 13).

No tocante a esse raciocínio, enfatiza-se ainda que a arte, enquanto elemento integrante da cultura, por vezes, tem se tornado alheia ao rol de manifestações curriculares e extracurriculares das escolas, pois existe uma persistência no que diz respeito ao modo como as escolas devem contribuir com a manutenção da diversidade cultural. Em centros de ensino conservadores, a manifestação artística acaba sendo ofuscada pela falta de diálogos sobre como o processo de formação da arte deve ser desenvolvido no indivíduo, dando preferência a um ensino pautado em ciências ‘mecanizadas’ e trazendo uma menor contemplação das ciências da arte.

Voltando às concepções iniciais, nota-se ainda que o modo como a difusão da cultura é feita nos centros de ensino, é um contraponto importante a ser analisado. Fabiany Silva declara que:

Parece que a escola conforma os indivíduos dotando-os “de um sistema de esquemas inconscientes que constituem sua cultura” (BOURDIEU, 1977, p. 26), isto é, uma cultura fundada em uma infinidade de práticas adaptadas a situações sempre renovadas, sem nunca se constituir em princípios explícitos. No entanto, essa mesma cultura não é simples reprodutora, tão pouco refratária a mudanças, pois ela tem sua própria identidade construída entre o que escutam, o que lêem, o que já sabem e acreditam ideologicamente os indivíduos (SILVA, 2006, p. 07).

Nesse contexto, entende-se que as escolas passam a se manter, por vezes, constituídas de práticas adaptadas que nem sempre se renovam e acabam por, às vezes, impossibilitar a reprodução de princípios culturais. Exemplos de tais práticas são a inversão de valores e a falta de modernização das grades curriculares, tornando eixos temáticos que possuem vínculo com os sistemas culturais, pouco notados.

No plano da cultura material, as representações artísticas vigoram como um importante vetor do modo como os alunos podem conceber suas visões de mundo diante do simbolismo presente nos artesanatos, nas obras arquitetônicas, nos templos, entre outros aspectos que identificam os patrimônios e as manifestações materiais da cultura. Nesse ponto, algo importante que as escolas podem estar intervindo se mostra na promoção da própria culturalidade brasileira. As dimensões curriculares da cultura imaterial nas escolas devem perpassar pela perspectiva de que o intangível pode ser consolidado, pois é um modelo cultural que não é criado pelo homem, mas sim pelos povos e comunidades que de geração em geração reproduzem-na.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais norteiam no eixo ‘Pluralidade Cultural’ que deve se ter nas escolas uma proposta de ensino voltada para a interdisciplinaridade cultural, com a presença de conteúdos programáticos que possam se adequar aos mais diversos tipos de conhecimento, de forma a despertar nos estudantes e nos alunos a preservação da história, da memória social e do patrimonialismo (ORIÁ apud MALTEZ et al, 2010, p. 44).

Entretanto, deve-se ter em mente também que a noção de cultura nas escolas deve respeitar as diferentes faixas etárias e as séries. Nota-se que no ensino fundamental, por exemplo, a concepção de cultura deve ser moldada de forma a fazer com que o estudante saiba reconhecer e valorizar os diferentes povos e grupos sociais, bem como trazendo a garantia do respeito, da busca pela cidadania e pela compreensão do papel formador da identidade social de seu meio. Além disso, a escola deve garantir que o aluno possa identificar os fenômenos culturais de sua região e assim formar novas mentalidades e novos conceitos sobre como os diferentes povos e suas práticas, hábitos e tradições contribuem para o desenvolvimento histórico-social (BRASIL, 1997, p. 22).

Interessante trazer uma análise reflexiva nesse contexto, no que diz respeito ao fato de que a escola, por vezes, tem buscado por alinhar seus conceitos de pluralidade cultural em épocas especificas do ano letivo em que é necessário a abordagem alusiva à temas culturais. Exemplo disso é o Dia do Índio, da Consciência Negra, Carnaval, Páscoa, Festas Juninas entre outras datas que são carregadas de simbolismo cultural e que normalmente são ‘lembradas’ nas escolas como um contraponto da cultural imaterial, por trazer representações e tradições religiosas, artísticas e de outros aspectos.

Porém, é pouco perceptível um olhar das escolas para a cultura material, para as representações de patrimônio presente em seu município, estado, região ou mesmo no país. Em uma perspectiva mais ampla, o Brasil possui uma diversidade irrestrita de patrimônios materiais que são pouco explorados pela sociedade em geral, e as escolas deveriam ser polos de aproximação de tais representações, pois a partir do momento em que o estudante passa a conhecer um elemento da cultura material de seu povo, este também passa a identificar como sua sociedade preserva suas tradições e como os hábitos de sua comunidade são influenciados pela concepção patrimonialista da cultura.

Um fato a ser enfatizado é a exploração extracurricular que pode ser utilizada pelas escolas como um fator para que se tenha maior relevância do estudo da ideia de patrimônio e cultura material nas escolas. Dessa forma, a visitação a sítios arqueológicos, a museus, à feiras de artesanato popular, aos templos de uma determinada localidade, são formas plausíveis de demonstrar curiosidade e ao mesmo tempo contribuir para que o aluno possa se tornar instigado a conhecer e preservar o patrimônio cultural material de seu povo e de sua comunidade

**CONCLUSÃO**

Falar de cultura é falar da identidade de um povo, das crenças, dos ritos, dos costumes, dos hábitos, da representações e manifestações artísticas, ou melhor, é falar sobre a História de uma sociedade através de suas tradições. É fato que na sociedade globalizada, o conceito de cultura acaba sendo indefinido devido às diferentes análises das ciências sociais, humanas e políticas sobre tal termo, mas em suma o sistema cultural é definido de acordo com cada sociedade, pois não existe unanimidade cultural, mas sim pluralidade e diversidade de ideias e pensamentos culturais.

Adjunto à ideia de cultura, vem a noção de patrimônio que é o modo como a cultura acaba sendo preservada ao longo da História de determinado povo ou grupo social. O patrimônio é um aspecto importante e peculiar da valorização dos traços culturais de uma sociedade, pois é nele que se encontra presente o enquadramento necessária para manutenção da memória social. Nesse contexto, os patrimônios materiais são elementos importantes dentro desse processo, pois é na sua tangibilidade que se identifica a valorização da cultura que se mantém viva.

Entretanto, para que a valorização do patrimônio material seja algo concreto, faz-se necessário que as diversas instituições sociais possam contribuir para que a cultura se mantenha visível tanto no imaginário social quanto na forma dos patrimônios tangíveis e a escola, enquanto formadora de opiniões e difusora de conhecimentos, possui papel notório nessa dinâmica social.

Deve-se ter em mente que, antes de tudo, a análise dos patrimônios culturais nas escolas é não somente um aspecto de promoção da cidadania, mas também da história da sociedade e dos povos. Dimensionar a cultura material nas escolas é identificar o modo como os sistemas culturais se delineiam num ambiente carregado de simbolismos e retóricas curriculares extensas, que por vezes acaba por esquecer ou deixar de lado a valorização da diversidade cultural. Dessa forma, analisar o modo como a cultura material e a ideia de patrimônio se ambienta nos diferentes centros de ensino não é uma proposta fácil, quanto menos metódica. Necessita de uma investigação profunda e que possa ser pautada de acordo com os moldes de cada instituição.

**REFERÊNCIAS**

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, José de Assunção. **História Cultural:** Um panorama teórico e historiográfico. In: Revista Textos de História, v. 11, nº1/2, 2003. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901. Acesso em: 26/02/2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural/Orientação Sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Estatuto de Museus.** Lei n° 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Brasília, DF. 2009.

\_\_\_\_\_\_\_**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BURKE, Peter. **Formas de História Cultural**. Madri: Alianza Editorial. 2008.

CANDAU, Vera Maria. **Escola, Inclusão Social e Diferenças Culturais**. Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP. Campinas, 2012.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê? ” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. Anais do V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBa, 2009.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa.** São Paulo, 2008.

CORÁ, Maria AmeliaJundurian. **Do material ao Imaterial:** Patrimônios Culturais do Brasil. S.d. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3333. Acesso em: 07/03/2018.

DIEHL, Astor Antônio. **Max Weber e a história**. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

GRUMAN, Marcelo**. Caminhos da cidadania cultural:** o ensino de artes no Brasil. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 45, p. 199-211, jul/set. 2012.

HUCK, Roberto; SOARES, Luís Fernando de Andrade. **Identidade Cultural no Brasil**. 1999. Disponível em: http://www.tokstok.com.br/premio/imagens/prof\_eddy2.html. Acesso em: 27/02/2018.

LARAIA, R, L. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Editora da UNICAMP: Campinas, 1990.

LEITE, Maria Aparecida. **Diversidade cultural no contexto escolar**. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

MÂLTEZ, Camila Rodrigues et al. **Educação e Patrimônio:** O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

MARQUES, Joana Ganilho. **Museus locais: conservação e produção da memória coletiva.** Revista Vox Musei arte e patrimônio. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2013.

MINTZ, Sidney. **Cultura:** uma visão antropológica. Tradução do ensaio “Culture: AnAnthropologicalView publicado originalmente em The Yale Review, XVII (4), 1982, p. 499-512. Revisão de Leda Maia, Maria Regina Celestino de Almeida e Cecília Azevedo, 2009.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa**. A preservação do acervo arquivístico do museu nacional e sua importância para a memória da instituição.** UFRJ/ Museu Nacional. Rio de Janeiro.

SILVA, Fabiany C. T. **Cultura escolar:** quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.